



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA  
LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E  
LINGUAGENS

SUZIANE THAIS MARTINS DA SILVA

**GÊNEROS TEXTUAIS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM TURMAS DO 1º  
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

BELÉM  
2016

SUZIANE THAIS MARTINS DA SILVA

**GÊNEROS TEXTUAIS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM TURMAS DO 1º  
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Faculdade de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará (IEMCI/UFPa) como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

Orientador: Prof. Me. Fabio Colins da Silva

BELÉM  
2016

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –  
Biblioteca do IEMCI, UFPA**

---

Silva, Suziane Thais Martins da.

Gêneros textuais no processo de alfabetização em turmas do 1º ano do ensino fundamental / Suziane Thais Martins da Silva, orientador Prof. MSc. Fábio Colins da Silva – 2016.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica, Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemáticas e Linguagens, Belém, 2016.

1. Alfabetização. 2. Linguagem e línguas. 3. Língua portuguesa – estudo e ensino. 4. Análise do discurso. I. Silva, Fábio Colins, orient. II. Título.

CDD - 22. ed. 372.4

---

SUZIANE THAIS MARTINS DA SILVA

GÊNEROS TEXTUAIS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM TURMAS DO 1º  
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Faculdade de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará (IEMCI/UFPA) como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Prof. Me. Fabio Colins da Silva (UFPA)

---

Examinador: Prof. Me. Fernando Alves da Silva Junior (UFPA)

---

Examinador: Prof. Esp. José de Ribamar Oliveira Costa (UFRA)

Apresentado em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/2016

Conceito: \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

Primeiramente quero agradecer a Deus, por ter me dado força e sabedoria para realizar esse trabalho, aos meus pais Ana Cristina e Sergio e minha irmã Suzane que são minha luz e que sempre estão do meu lado, a minha vó amada Elza que me apoia em todas as horas, a minha família e amigos, ao meu namorado Marcilio que me motiva todos os dias.

Quero agradecer em especial a minha primeira orientadora professora Elizabeth Manfredo que foi com quem iniciei a pesquisa, mas que por problemas de saúde não foi possível seguir comigo nesta jornada, ao meu segundo orientador professor Fabio Colins, por gentilmente ter me ajudado e me dando todo suporte necessário, ao professor Jesus Brabo de quem fui bolsista e aprendi muito, a todos os professores que ao longo deste quatro anos e meio contribuíram na minha formação acadêmica.

Agradeço também aos meus amigos e colegas de curso que acreditaram e me apoiaram durante a graduação, em especial Douglas Salgado, Maria do Socorro, Obadias, Denira, Jacirene, Fernando, Luciana.

Obrigado senhor por mais esta vitória!

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo investigar em que termos os professores das escolas públicas da periferia de Belém-PA utilizam os gêneros textuais na alfabetização linguística dos alunos e discutir as possíveis contribuições do uso desse recurso. A discussão sobre alfabetização e gêneros textuais foi construída com base nos estudos de Cagliari (2002), Soares (2004), Marcuschi (2002) e outros. As colaboradoras da pesquisa foram duas professoras que atuavam em turma do primeiro ano do Ensino Fundamental. Essa investigação pode ser caracterizada como um estudo de caso de caráter qualitativo. Utilizamos para a construção das informações os resultados de entrevistas, diário de campo e produções textuais dos alunos. A partir da análise das respostas dos professores procedeu-se um confronto das observações em sala de aula e as produções textuais dos estudantes. Nos depoimentos das professoras e nas produções dos alunos é possível identificar progressos significativos na aprendizagem ao apresentarem com finalidades os gêneros textuais. Concluímos que a execução de aulas que coloquem situações motivadoras para os alunos e com metodologias diferenciadas podem se configurar em excelentes oportunidades de aprendizagem para os estudantes dos anos iniciais, bem como proporcionar o desenvolvimento profissional de atuais e futuros professores que engajem em tal empreitada.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Gênero textual. Linguagem.

**Abstract:** This paper aims to investigate in what way the teachers of public schools on the outskirts of Belém-PA use the genres in language literacy of students and discuss the possible contributions of the use of this feature. The discussion on literacy and genres was built based on studies of Cagliari (2002), Soares (2004), Marcuschi (2002) and others. The collaborators of the research were two teachers who worked in class the first year of elementary school. This research can be characterized as a qualitative case study. Used for the construction of the information the results of interviews, field diary and textual productions of the students. From the teachers' responses analysis was carried out one confrontation of observations in the classroom and the textual productions of students. In the testimonies of the teachers and the students' productions it is possible to identify significant progress in learning to present an objective textual genres. We conclude that the implementation classes that put motivating situations for students and with different methodologies can be configured in excellent learning opportunities for students in the early years, as well as provide the professional development of current and future teachers who engage in such an undertaking.

**Keywords:** Literacy. Text Genre. Language.

## SUMÁRIO

1 Introdução .....	7
2 Os Gêneros Textuais.....	8
3 Alfabetização e Letramento.....	10
4 Caminhos da pesquisa .....	15
5 Os resultados .....	18
6 Considerações finais .....	23
Referências .....	23

## 1 Introdução

A partir do momento em que a criança entra em contato com o mundo social, onde a escrita e a leitura estão presentes em suas diversas formas de uso, ela aprende a ler o mundo que a rodeia, iniciando o processo de aprendizagem da leitura muito antes de entrar nas instituições de ensino. Com isso, a escola tem um papel muito importante na vida do aluno por ser uma instituição social onde tem como alvo a socialização dos conhecimentos acumulados pela sociedade, considerando a relevância de ensinar a ler e a escrever. Um dos seus maiores desafios é desenvolver no aluno o gosto pela leitura, por isso que os professores alfabetizadores precisam estimular e repensar suas práticas e seus métodos de alfabetização, principalmente, rever seu objeto de ensino, o texto.

No âmbito educacional não basta o contato com atividades de leitura e de escrita, faz-se necessário que haja experiência por parte do educador de leituras esquematizadas, e essas atividades não devem ser vistas como um ato mecanizado que visa decifrar palavras, deixando de lado a real função da leitura e escrita. Com isso, na prática de alfabetização o docente precisa considerar os diversos gêneros textuais. Segundo Marcuschi (2005), os gêneros textuais quando são trabalhados em sala de aula, o educando tem uma grande oportunidade de lidar com a linguagem oral e escrita nos seus mais diversos usos no cotidiano. Portanto os estudos dos gêneros admitem compreender o que ocorre com a linguagem quando a empregamos em um determinado contexto social.

Por meios dos textos conseguimos a comunicação, uma vez que proporciona aos alunos a chance de produzir e compreender textos de maneira apropriada a cada situação. Uma das maneiras é envolver os alunos em situações concretas do uso da língua, ajudando a estimular a criatividade em escolher os meios adequados. Sendo assim, os gêneros textuais podem ser estudados como instrumentos de socialização, para desenvolver a forma de expressar e interagir durante o convívio social.

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo principal investigar em que termos os professores das escolas públicas da periferia de Belém (PA) utilizam os gêneros textuais na alfabetização linguística dos alunos e discutir as possíveis contribuições do uso desse recurso. Pois, partimos do princípio de que a leitura é de fundamental importância para que alunos

alcancem sua própria autonomia como leitor, seja um indivíduo reflexivo, capaz de ser crítico e poder desenvolver seu papel social.

Os estudos desenvolvidos no campo da educação apontam para as dificuldades de muitos alunos relacionadas à deficiência da leitura, da escrita e da interpretação de textos. Cagliari (2004) afirma que um grande número de alunos são capazes de decodificar um texto, mas tem dificuldade para compreender o que lê. Segundo Kato (1987) essa dificuldade perpassa todas as séries chegando até a universidade. Estes autores consideram que a escola deve desenvolver um trabalho formativo e preventivo, buscando desenvolver essas habilidades desde a aquisição da língua materna.

Vivemos num contexto em que é imprescindível o uso dos gêneros textuais, visto que estamos rodeados de gêneros textuais em toda e qualquer interação de natureza social ou não, como afirma Bakhtin (1995), a linguagem permeia toda a vida social, visto que todas as atividades humanas estão relacionadas à utilização da língua, sendo esta uma forma de mediação entre o homem e a realidade social em que está inserido, o que resulta na diversidade de gêneros existentes. Tais atividades se concretizam em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana. A finalidade dos gêneros textuais é atribuída pelo autor à organização da fala considerando que sem eles a comunicação verbal seria quase impossível. Considera que a linguagem é de natureza ideológica, vista como instrumento regulador das relações sociais.

A partir dessa perspectiva bakhtiniana que afirmamos que o professor necessita compreender a importância do trabalho com diferentes gêneros textos na sala de aula em uma perspectiva de integração entre os componentes curriculares. Pois, há necessidade de romper com o conceito de alfabetização das décadas finais do século passado que se voltava para uma compreensão da mesma como processo que envolve atividades de codificação e decodificação da escrita.

## **2 Os Gêneros Textuais**

Em muitos lugares que as pessoas passam todos os dias há uma infinidade de textos que as cercam, mas nem sempre são observados como devem, levando em consideração as suas peculiaridades. Os gêneros textuais fazem parte de nossas vidas de forma significativa, pois em nosso cotidiano somos submetidos, em todo momento, a diversas formas de

comunicação, por exemplo: quando lemos um jornal, recebemos um panfleto na rua, lemos o cartaz no mural da escola, recebemos um convite para uma festa, lemos as instruções para montar algo, e quando lemos uma receita para fazer um delicioso almoço, recebemos um e-mail etc. Segundo Marcuschi (2002, p.19) os gêneros textuais são "fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social" das pessoas. Nesse sentido, os gêneros textuais contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Para o autor:

Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem aparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedade anteriores à comunicação escrita (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Os textos na maioria das vezes manifestam um ou outro gênero textual. Um conhecimento maior sobre como funciona os gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão dos mesmos. É esta ideia que se encontra no centro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), quando se recomenda que o trabalho com a alfabetização deve ser feito com base nos gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos. Usar os gêneros como instrumentos de ensino na escola com certeza dá mais significado ao ensino, porque aproxima os alunos da linguagem que é usada naturalmente em nosso dia a dia, seja em comunicações mais formais ou não.

A relação dos gêneros com suas respectivas situações comunicativa apresenta-se de extrema importância para o ensino, principalmente, porque envolve um contexto específico no qual se apresenta uma dada situação concretizada por um indivíduo que constitui e representa o discurso. Sendo assim, o gênero se mostra uma ferramenta muito importante para aquisição de conhecimentos discursivos para professores e alunos em sala de aula. Para Schneuwly e Dolz (2004),

[...] é devido a essas mediações comunicativas, que se cristalizam na forma de gêneros, que as significações sociais são progressivamente reconstruídas. Disso decorre um princípio que funda o conjunto de nosso enfoque: o trabalho escolar, no domínio da produção de linguagem, faz-se sobre, os gêneros, quer se queiram ou não. Eles constituem o instrumento de mediação de toda a estratégia de ensino e o material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade. A análise de suas características fornece uma primeira base de modelização

instrumental para organizar as atividades de ensino que esse objeto de aprendizagem requer. (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 51)

Nesse sentido, todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pode-se ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogênea, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literalidade, por exemplo, existindo em um número quase ilimitado. Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão formas ao texto. É por isso que, quando um texto começa com “era uma vez”, ninguém duvida de que está diante de um conto, porque todos conhecem tal gênero. Diante da expressão “senhoras e senhores”, a expectativa é ouvir um pronunciamento público ou uma apresentação de espetáculo, pois se sabe que nesses gêneros o texto, inequivocamente, tem essa fórmula inicial. Do mesmo modo, pode-se reconhecer outros gêneros como cartas, reportagens, anúncios, poema etc. Portanto, o trabalho com gêneros textuais é uma grande oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos, pois apontam para novos caminhos a seguir nas práticas pedagógicas.

### **3 Alfabetização e Letramento**

Em estudos realizados por Emília Ferreiro e Ana Teberosky divulgados a partir dos anos 80 e intitulados *Psicogênese da Língua Escrita*, ambas trouxeram importantes contribuições acerca do processo de construção da escrita realizada pela criança, levando muitos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental a repensar e redimensionar o olhar sobre o processo de alfabetização.

Nesse sentido, a teoria da psicogênese da língua escrita nos dá direcionamento para a ação didática referente à alfabetização. Passa entender a alfabetização como uma construção conceitual, contínua, desenvolvida concomitantemente dentro e fora da sala de aula, em processo interativo, que acontece desde as primeiras relações da criança com a escrita. Tal compreensão destaca que o aprendizado da escrita alfabética não se reduz apenas a um processo de associação entre letras e sons, ou seja, uma representação grafo-fônica. Compreende-se que as habilidades de memória e destreza motora, antes tão explorada, não

são necessárias para a assimilação do sistema de escrita alfabética. Para compreender o funcionamento do sistema de escrita alfabética, Ferreiro e Teberosky (1999) destaca a necessidade do domínio de várias propriedades lógicas da notação escrita, no qual terá que organizar a noção de unidades de linguagem (textos, frases, palavras, sílabas, letras, fonemas) para entender as relações entre a pauta sonora e as partes escritas, o que implica o estabelecimento das relações de ordem, de permanência e de relações termo a termo.

As autoras demonstram que as crianças formulam uma série de ideias sobre a escrita alfabética, mesmo antes de entrar na escola, e que essas hipóteses seguem uma ordem de evolução. Ouseja, essas hipóteses foram detalhadas e largamente divulgadas no livro *Psicogênese da Língua Escrita*, nele mostra como o indivíduo, independente da classe social, cursa os caminhos para se apropriar da língua escrita, passando por níveis estruturais de pensamento. Esses níveis foram intitulados de nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético e nível alfabético.

Primeiramente as crianças descobrem que escrever não é a mesma coisa que desenhar. Essa diferença entre saber o que é desenho e o que é escrita geralmente acontece antes da criança entrar na escola, porque a criança está inserida em uma sociedade grafocêntrica, onde estão em contato com signos, objetos reais e representações diversas. Em suas primeiras tentativas de escrita, as crianças produzem símbolos, que não são mais desenhos, mas que ainda não são letras convencionais. Depois as crianças conseguem fazer uma distinção entre letras e números, entendendo que para escrever são necessários determinados signos que não são desenhos nem números e vão adquirindo a noção de alguns aspectos convencionais da escrita sempre evoluindo.

Nesse processo, a criança entra em conflito cognitivo de como pode escrever coisas diferentes e começa a escrever sem o controle de quantidade. Suas escritas podem ocupar toda a página ou a escrita de apenas uma letra pode ter significados diversos. Com todos esses conhecimentos adquiridos, a criança já escreve qualquer coisa. Há uma escrita autêntica, mas ainda não tem comunicação. Assim, a criança levanta outra hipótese e faz escritas fixas, utilizando os mesmos signos para qualquer escrita, um exemplo é a escrita das letras do seu próprio nome para escrever coisas variadas, muitas crianças começa dessa forma o processo da escrita. Assim sendo, é por meio da interação com o objeto de conhecimento que as crianças vão construindo hipóteses de forma progressiva. São essas especificidades do processo de alfabetização que não podem ser esquecidas.

Contudo, não basta apenas o convívio com o material escrito, é necessário ter uma direção e uma sistematização por meio de uma reflexão metalinguística, partindo de textos reais de vários gêneros que circulam socialmente. Portanto, exigindo dos professores alfabetizadores práticas de usos sociais da leitura e da escrita, ou seja, uma alfabetização na perspectiva do letramento. Mas o que estamos considerando como letramento?

Entendemos letramento como o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever. A linguista Magda Soares (2010) discute esse conceito com o objetivo de esclarecer os seus significados, trazendo uma interpretação de que o letramento altera as condições cognitivas do indivíduo, a autora nos apresenta duas dimensões do letramento, uma individual e outra social. A dimensão individual do letramento se refere aos processos e habilidades cognitivas e metacognitivas envolvendo a leitura e a escrita. Deste modo Soares (2010) faz uma observação importante ao afirmar que:

Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e a escrever significa adquirir um a tecnologia, a de codificar em língua escrita e a de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade” (2010, p. 39).

Outra dimensão abordada por Soares (2010) é a dimensão social do letramento, a qual considera uma prática social, ou seja, o uso que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita em uma determinada situação, relacionando-as com suas necessidades, valores e intenções. O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania.

Para Bholá citado em Soares (2010), o letramento não é apenas o processo de aprendizagem de habilidades de leitura, escrita e cálculo, mas uma contribuição para a liberação do homem e para o seu pleno desenvolvimento. Assim concebido, o letramento cria condições para a aquisição de uma consciência crítica das contradições da sociedade em que os homens vivem e dos seus objetivos; ele também estimula a iniciativa e a participação do homem na criação de projetos capazes de atuar sobre o mundo, de transformá-lo e de definir os objetivos de um autêntico desenvolvimento.

Nessa perspectiva de letramento que Soares (2010) desconsidera as práticas de leitura e a escrita vivida fora do espaço escolar. A autora define letramento escolar como “um

conceito restrito e fortemente controlado, nem sempre harmônico com as habilidades de leitura e escrita e as práticas sociais necessárias fora das paredes da escola” (SOARES, 2010, p. 79).

A autora, em seus estudos, admite ser difícil definir letramento em um único conceito, pois alguns estudos mostram mudanças de compreensão de letramento ao longo dos tempos, dependendo das crenças, dos valores e da história social de cada grupo. E para compreender melhor o contexto de onde se vive, faz-se necessário que a escola implemente práticas educativas que favoreçam a alfabetização na perspectiva do letramento, ou seja, o letramento como uma prática inerente ao processo de aprender a ler e a escrever.

Portanto, com a inserção dos conceitos de letramento no contexto educacional brasileiro surge a necessidade de analisar as práticas pedagógicas dos professores no que concerne a função social da língua como algo diferente de alfabetizar. Percebemos que durante o período da industrialização, a alfabetização ocorreu separando os indivíduos dos usos sociais da escrita, numa prática descontextualizada das práticas sociais cotidianas. Com isso, à medida que novas condições sociais passam a exigir o uso da leitura e da escrita, novas necessidades se configuram: ler e escrever não podem ser apenas habilidades de codificação e decodificação, é preciso usá-las efetivamente na vida diária. Ora, práticas sociais diárias exigem o uso da leitura e da escrita nos diferentes gêneros e não somente como tecnologias (KLEIMAN, 1995, p. 27). Segundo a autora, a alfabetização é a área que trata da aquisição da leitura e da escrita, mas com os estudos sobre o seu impacto social é que surgiu o termo letramento.

Nesse sentido, não há como pensar o processo de alfabetização e letramento como fatores desvinculados um do outro, pois é importante tomar o ensino de leitura e de escrita a serviço do letramento. E o letramento como prática deve tomar como objeto de ensino a língua como viva, dinâmica, os usos que dela se fazem, o seu caráter dialógico. Com isso, as perspectivas teóricas que focalizam letramento como prática social considera que a escrita adquire sentido em discursos e práticas sociais específicas e que compreender letramento como prática social significa posicionar os diferentes letramentos em relação às instituições sociais e às relações de poder que os sustentam. O ponto essencial para compreender a linguagem escrita é examinar eventos específicos e o papel desempenhado pelos textos nesses eventos e como certos significados são selecionados enquanto outros não.

Nesse sentido, as práticas de letramento devem estar encaixadas em um contexto amplo das relações sociais estabelecidas a partir dos eventos de letramento. Tais eventos devem configurar diversas práticas culturais e sociais que ocorrem em diversos contextos de leitura. Sobre isso, vários estudiosos interessam-se pelo papel das práticas de letramento para desafiar e reproduzir estruturas de poder e de dominação, além de reconhecer o caráter ideológico dos processos de aquisição e dos significados e usos dos diferentes letramentos. Sobre esse aspecto de letramento Mello e Ribeiro (2004) afirmam:

Letramento é complexo e heterogêneo, pois tem uma dimensão individual e uma social. Na dimensão individual, é um atributo pessoal de posse de tecnologias mentais de ler e escrever. Na dimensão social, é um fenômeno cultural, pois se trata de atividades sociais que envolvem a escrita e de exigências sociais de uso dessa escrita (MELLO; RIBEIRO, 2004, p. 28).

Portanto, tratar o letramento como prática social implica focalizar as relações de poder que envolvem os letramentos nas instituições sociais. Isso significa examinar o que está sendo feito e por quem, o papel que esse letramento desempenha nos processos institucionais e a que propósitos está servindo. Na escola, as interações de professores e estudantes costumam ser mediadas pela linguagem oral, que integra os eventos de letramento e influencia a interpretação e a produção de textos. Os eventos de letramento estruturam-se em atividades sequenciadas que se realizam em torno de texto(s) escrito(s). Essas atividades são dinâmicas e servem a múltiplos propósitos individuais e sociais, que podem estar em conflito, vez que as práticas de letramento, ou os usos e significados da leitura e da escrita, estão em constante transformação. Sobre os eventos de letramento Street (2001) conceitua como:

[...] Ocasões em que podemos observar como se desenvolve a leitura e/ou a escrita e percebermos suas características. Para não sermos descritivos, de um ponto de vista antropológico, precisamos ficar atentos aos significados que são construídos, às convenções e suposições que estão na base dos letramentos e permitem o seu funcionamento. E então chegamos às práticas de letramento (STREET *Apud* SILVA, 2007, p. 21).

Na sala de aula, para analisar as práticas de letramento em que os estudantes estão engajados, é preciso identificar as atividades pedagógicas em que textos escritos e orais estão envolvidos e os domínios da vida social aos quais esses textos se relacionam. Também é importante a escola reconhecer a importância dos letramentos do dia a dia porque mostram que textos escritos preenchem atividades cotidianas como comprar a passagem de ônibus e o ticket de metrô, preparar um almoço ou o que fazer no próximo fim de semana. Observar as diversidades das práticas de letramento cotidianas pode auxiliar os estudantes a refletirem as suas próprias práticas como relevantes para alcançarem seus objetivos de vida diários.

Oralidade e letramento podem distinguir-se quanto ao *status* e ao acesso. Por ser a escrita uma modalidade secundária, geralmente as pessoas se apropriam ou têm necessidade de usar poucos gêneros escritos, vinculados a finalidades institucionais, cujos usos são disseminados e controlados por poucos. Há gêneros – como artigos científicos, resumos e resenhas – que são muito valorizados na escola, mas não são igualmente acessíveis a todos, ou melhor, são acessíveis primordialmente aos integrantes de uma elite letrada.

O estudo do letramento pode constituir-se em uma ferramenta poderosa para a construção do pensamento crítico porque as instituições sociais são mantidas e reproduzidas através da linguagem. Criticamente, o trabalho com o letramento pode subsidiar a produção de textos ao desvendar os seus propósitos e quem se beneficia ou não com ele. A dimensão do letramento como prática social torna possível a compreensão da relação entre letramento e poder social, já que algumas formas de letramento são dominantes e por isso não são acessíveis a todos.

Portanto, a perspectiva do letramento como prática social considera que os letramentos são utilizados pelas pessoas para posicionarem-se quanto o *status quo* socioeconômico, gênero, nível de escolaridade e grupo étnico. Além disso, o uso dos letramentos envolve a negociação de textos escritos nas interações sociais. Embora as pessoas letradas pertençam a grupos sociais hegemônicos, nem todos os seus membros dominam uma ampla gama de gêneros escritos, porque têm pouca ou nenhuma necessidade de escrever. Nesses casos, a escrita restringe-se em grande parte a circunstâncias comerciais e burocráticas (por exemplo, assinatura em cartão de crédito, preenchimento do formulário de imposto de renda, etc.). Talvez isso seja reflexo de uma cultura pós-moderna que privilegia os meios de comunicação eletrônicos (televisão, Internet, rádio) como principal – e às vezes único – meio de acesso à informação.

#### **4 Caminhos da pesquisa**

A prática do professor passa por percalços e adaptações no decorrer de sua profissão, à medida que ele desenvolve e obtém experiências, suas ações passam por um processo de amadurecimento, porém se faz necessário que haja uma reflexão sobre e durante a ação, visto que este exercício possibilita uma reorganização ou estruturação de suas aulas, assim como o processo de aprendizagem de seus alunos, logo realizamos entrevistas e observações

sistemática das aulas das professoras participantes e as interações que ocorriam no ambiente investigado.

Nessa perspectiva o presente trabalho está pautado no estudo de caso como estratégia de pesquisa qualitativa. Segundo Chizzotti (1995, p. 102), estudo de caso “é a pesquisa para coleta e registro de dados de um ou vários casos, para organizar um relatório ordenado e crítico ou avaliar analiticamente a experiência com o objetivo de tomar decisões ou propor ação transformadora”. A coleta de informações deste estudo está pautada em entrevistas, diário de campo, observações e as produções dos alunos. Configurando essa pesquisa, segundo Chizzotti (2003), como qualitativa.

A experiência apresentada neste estudo foi desenvolvida com duas professoras de duas Escolas Municipais aqui chamadas de “Municipal 1” e “Municipal 2”, localizada no estado do Pará. A pesquisa ocorreu nos meses de outubro á Janeiro de 2014 pra 2015, na cidade Belém no distrito de Icoaraci.

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados a partir de dois critérios, buscando identificar educadores que potencializam nas práticas bem-sucedidas. Em primeiro ponto esperava-se que os professores trabalhassem e utilizassem os gêneros textuais no processo da Alfabetização. Uma vez que o foco de nossa pesquisa é o uso dos gêneros textuais como ferramenta no processo de alfabetização de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental.

A pesquisa foi realizada com quatro professoras, mais no decorrer da coleta de dados acabamos não incluindo as duas, devido uma ter entrado no meio do ano enquanto a outra pelo fato da evasão dos alunos em sala de aula. Portanto as duas professoras nomeadas aqui de “Vanessa” e “Cristina”, são de duas escolas diferentes da rede Municipal. Realizamos com todas elas entrevistas semiestrutadas e, por razões pessoais ou profissionais, as duas professoras colaboraram para a realização da pesquisa.

A escola “Municipal 1” (onde ocorreu a entrevista com a professora “Vanessa”) é uma escola pública e oferece desde a educação infantil até o Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), ofertando aula no período da manhã e tarde. A escola “Municipal 2” (onde ocorreu a entrevista com a professora Cristina) também é uma Instituição pública e suas turmas vão do 1º ao 5º (Ensino Fundamental I) e EJA - Educação de Jovens e Adultos (1º e 2º totalidade), em funcionamentos no turnos da manhã, tarde e noite.

A professora Vanessa tem 48 anos de idade. Atua há vinte e quatro anos na escola pública, sendo sua carga é de 20h/semana. Dá aula para o 1º ano do Ensino Fundamental I. Sua formação é o Magistério (Ensino Médio) e posteriormente fez o curso de Pedagogia na Universidade Vale do Acaraú (UVA - atualmente Faculdade Integradas Ipiranga). A entrevista com essa professora se deu na sala de aula da escola.

A professora Cristina tem 39 anos de idade. Atua há cinco anos na escola Pública. Atualmente dá aula para Ensino Fundamental (1º ano), mas já teve experiência por um ano no 3º ano do Ensino Fundamental. Sua carga horaria semanal é de 20 horas, sendo a única escola em que atua. Sua formação é em Pedagogia e especialização em psicopedagogia. A entrevista com a educadora se deu na sala de aula.

As entrevistas foram realizadas antes das observações, buscando-se ter acesso aos significados que os sujeitos atribuíram às suas experiências, bem como situar essas experiências em um contexto mais amplo dos gêneros textuais. Assim, realizamos entrevistas semiestruturadas, seguindo um mesmo roteiro para ambas as participantes. De acordo com May (2004) a entrevista semiestruturada, é aquela em que o entrevistador responde as perguntas dentro de uma concepção, a diferença central “é o seu caráter aberto”, mas, não se trata de deixá-lo falar livremente. Posteriormente procuramos conhecer um pouco sobre sua experiência como educadora, a escola e as turmas em que estava lotada, bem como qual seria sua relação com o conteúdo trabalhado nessa turma. Sendo assim, tínhamos como objetivo conhecer como as educadoras trabalham o processo de alfabetização na perspectiva do letramento em suas salas de aula e se realmente faziam o uso dos gêneros textuais. Além disso, queríamos ter acesso ao perfil do professor atual, tanto em relação aos aspectos do conteúdo específico, quanto em relação as estratégias de ensino. Para análise, as entrevistas foram transcritas na íntegra, utilizadas na transcrição de dados obtidos por meio de áudio gravação.

Para a construção das informações foram realizadas observações das práticas de alfabetização. As duas professoras observadas foram selecionadas a partir do momento em que ambas as educadoras entrevistadas, relataram que desenvolviam um trabalho pautado no projeto de alfabetização da Secretaria Municipal de Educação de Belém. Esse projeto tem como objetivo formar professores capazes de alfabetizar os alunos em um ano. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 190), a observação é “uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da

realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”. Nesse sentido, foram observadas aulas da Professora Vanessa na turma do 1º ano do Ensino Fundamental, considerada pela participante como a turma “boa” e, por isso, desenvolvia o trabalho de forma mais “pertinente”, só que durante a semana ocorria evasão da turma, enfraquecendo o trabalho realizado. Durante três meses do último semestre letivo, praticamente, todas as aulas dessa turma foram observadas, totalizando 7 aulas. Na segunda escola, acompanhamos a turma do 1º ano do Ensino Fundamental da Professora Cristina, devido ao fato de que era uma das turmas que trabalhavam de forma interdisciplinar e onde havia um relacionamento harmonioso entre alunos e a professora. Dessa maneira, foram observadas 15 aulas dessa turma.

Portanto, neste estudo analisaremos como as professoras desenvolvem os trabalhos com os gêneros textuais no processo de alfabetização e que estratégias utilizavam em classe. Essa prática das professoras e as entrevistas realizadas contribuem para a compreensão de como os alunos recebem esses conhecimentos em cada sala de aula.

Para construirmos mais material empírico, foram realizadas atividades em cada turma observada, onde foram solicitadas produções textuais dos alunos, partindo de um gênero textual. Essa atividade foi realizada com a finalidade de identificar a leitura e a escrita dos estudantes. Além disso, a atividade teve como objetivo, também, comprovar a eficácia do trabalho realizado pelas educadoras, observadas durante a pesquisa, e como esse conhecimento estava sendo adquirido pelos alunos durante o ano letivo. Pois, no início do ano a maioria dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental chegam com um conhecimento pré-silábico e com poucas informações, e no final do ano esperasse dos educandos um avanço para o alfabético.

## **5 Os resultados**

A partir da análise das transcrições das entrevistas foram geradas as seguintes categorias de análise: 1) alfabetização na perspectiva do letramento; 2) gêneros textuais e 3) estratégias de ensino. Das entrevistas analisaremos a perspectiva das professoras em relação a essas categorias, contudo apresentaremos o que contribuem de forma mais significativa para a compreensão das práticas pedagógicas em suas salas de aula. Contudo, apresento suas falas no contexto da alfabetização na perspectiva do letramento:

**Cristina:** Bom! Nós estamos trabalhando com um programa nacional pacto pela idade certa, nós recebemos materiais e fazemos a formação duas vezes por mês no centro de formação de professores, onde participamos do projeto Expertise, e tudo que nos trazemos dessa formação nos aplicamos na sala, nesse momento nós estamos trabalhando com o campo semântico do texto dos três porquinhos, por isso as palavras saídas do texto e as atividades de matemática, tudo vai girar esse mês em torno dos três porquinhos.

**Vanessa:** Bom! Eu trabalho todos os dias o cabeçalho e depois é ditado de 12 palavras até 15, ... aí com as palavras do ditado eu mostro fichas de leitura ... aí eu trabalho letra por letra dessas palavras da ficha de ditado. São várias palavras, pode ser o nome de frutas, pode ser nome de comida, pode ser dos animais... entendeu? Na verdade eu trabalho letra por letra, tem dia que eu passo ditado... eu só dito não olho mais... pra eles conhecerem a letra tem que mostra... todo santo dia, hoje que não deu tempo né... aí depois eles trabalham na cartilha também né... para eles resolverem atividades, todo dia tem leitura na sala... três alunos leem... textos, cartazes e o alfabeto, os numerais, entendeu? Aí assim a gente trabalha também o calendário, poesia, parlendas, assim tento fazer um link com o que aprendo no projeto Expertise.

A ideia da alfabetização e letramento foi bastante recorrentes nas entrevistas com as professoras Vanessa e Cristina. Para Cristina seria um aspecto central de sua atuação como professora, uma formação continuada que corrobora com seu trabalho em classe de forma interdisciplinar, partindo do texto para as sílabas. Enquanto a fala de Vanessa diferencia da professora acima, pois a educadora partir das partes para o todo, ou seja, letra por letra, passando por sílaba até chegar às palavras.

As duas professoras participam da formação continuada no projeto *Expertise* que tem o papel em ajudar esses educadores a alfabetizar crianças durante o ano letivo. Logo, muitos deles aprendem a ter orientação sobre novas práticas pedagógicas e atividades específicas para as salas de alfabetização.

No relato da professora Cristina, que trabalhou no mês dezembro o gênero textual fabula dos três porquinhos, que a partir dessa história criou atividades de abordassem a leitura e a escrita de palavras do mesmo campo semântico. Essa proposta didática tinha como objetivo estudar os significados das palavras, ou seja, de cada vocábulo existente na língua, partindo do todo (texto) para as partes (frases, palavras, sílabas e letras).

Embora Vanessa afirme que trabalhe letra por letra, que não eram os nomes dos alunos e sim palavras diversas como objetos, frutas, animais etc. Envolvia o livro didático, chamado pela professora de “cartilha”. Nessas “cartilhas” os alunos tinham a oportunidade de resolver atividades que tinham como finalidade a colagem e a identificação das letras do alfabeto. Além disso, envolvia a leitura em classe em que os alunos pudessem reconhecer e aprender as

letras. Acabava conectando nas suas atividades em classe o que havia aprendido no projeto *Expertise*, ou seja, como trabalhar os diferentes gêneros textuais, como foi relatado pela professora.

No decorrer das observações em classe pudemos perceber que ambas trabalham com mesmo projeto oferecido pela Secretaria Municipal de Educação de Belém (PA) chamado *Expertise*. Nesse sentido, identificamos uma aproximação no trabalho com os gêneros textuais, logo a maneira de como cada uma utiliza tem uma diferença, pois Cristina parte do gênero textual para as letras, chamado de Método Analítico, enquanto Vanessa parte da letra para o gênero textual chamado de método Sintético. Essa é uma questão que sempre apresenta polêmica no meio acadêmico, pois são perspectivas teóricas diferentes. Logo a metodologia normalmente utilizada pelos educadores parte daquilo que é mais simples e fácil, passando para os mais complexos. Como afirma Ferreiro e Teberosky (1985), o docente precisa buscar para a sua prática possibilidades metodológicas que facilitem a aprendizagem dos alunos, seja ela o método sintético e/ou método analítico.

O método sintético é aquele que preserva o oral e o escrito entre som e a grafia, ou seja, consiste em partir das partes (letras) para o todo (texto). Por outro lado, o método analítico consiste no reconhecimento das palavras ou orações, isto é, parti do todo (texto) para chegar nas partes (frases, palavras e letras). Nesse sentido, Ferreiro (1995), afirma que o mais adequado é o docente refletir sobre o tipo de prática que está sendo introduzida a linguagem escrita, e como se apresenta esse objeto no contexto escolar. Logo, nenhuma prática pedagógica é neutra, pelo contrário, todas estão vinculadas, de certo modo, a uma perspectiva teórica do processo de ensino e de aprendizagem. Portanto, o educador precisa compreender tais teorias para sustentar e melhorar suas práticas de alfabetização.

Além de investigar a prática das alfabetizadoras no que concerne a articulação entre teoria e prática, buscamos analisar em que termos davam-seo processo de apropriação da leitura e da escrita por meio de diferentes gêneros textuais utilizando a metodologia do projeto *Expertise* executado pelas professoras na sala de aula para as crianças que estavam iniciando a fase de alfabetização escolar. No que se refere a prática de leitura em voz alta, observamos o trabalho com os seguintes gêneros textuais: histórias infantis, música, conto, fábula e carta. Um dos trabalhos observados foi a construção de uma carta para o *Papai Noel* e a leitura da fábula “*Os três porquinhos*”.

A prática da professora Cristina, por exemplo, foi orientar os alunos a produzirem um relato acerca da fábula apresentada acima. Enquanto Vanessa solicitou que os alunos escrevessem uma carta para *O Papai Noel*. Portanto, os fragmentos do relato dos textos das crianças foram transcritos para fins de análise em duas versões: transcrição do texto original da criança e versão normatizada do texto transcrito, conforme os procedimentos de transcrição utilizados por Riolfi *et al.* (2008). Foram selecionados para análise dois textos de um aluno da professora Cristina e o outro de um aluno da professora Vanessa. O critério de seleção com base nos níveis de hipótese da escrita em que as crianças se encontravam: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Vejamos, então, a escrita produzida pelos estudantes ao final do ano letivo:

**Transcrição 1** – Texto do aluno da professora Cristina, 6 anos.

*Um porquinho perdido*

*1 era uma vez um porquinho*

*2 que não tinha casa ele resol veu chamar os seus irmaous para*

*3 contruir uma casa ta vamos terqui faser tud iso tudodo não vamos faser iso tudo*

*4 uem teli jenate fes uma casa de tijolo Eo outro porquinho resou veu costru ir uma casa de palha e outro porquinho resou veu com truir uma casa de maldera FIM.*

**Normalização da Transcrição 1** – Texto do aluno 1

Um porquinho perdido

Era uma vez um porquinho que não tinha casa, ele resolveu chamar os seus irmãos para construir uma casa, estávamos querendo fazer tudo isso, tudo não vamos fazer isso tudo, então a gente fez uma casa de tijolo e o outro porquinho resolveu construir uma casa de palha e o outro porquinho resolveu construir uma casa de madeira. Fim

Conforme podemos observar o texto do aluno 1 venceu os obstáculos conceituais para a compreensão da escrita, mostrando sistematicamente algumas palavras que irão escrever. Apesar da escrita das crianças conterem erros ortográficos e omissões de letras, eles conseguem expressar suas ideias por meio de um texto coerente. Por isso, consideramos que, se quisermos compreender os processos de escrita elaborados pela criança na busca do entendimento sobre o que ele leu, faz-se necessário possibilitar situações de leitura e de escrita com base em eventos sociais de letramento.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999) informa que o domínio de várias propriedades lógicas da notação escrita, pode partir de algumas unidades lógicas como: textos, frases, palavras, sílabas, letras e fonemas. Contudo podemos perceber que a professora Cristina em sua metodologia abordava nessa sequência, do todo para as partes, com a intenção de fazer relação termo a termo. Porém, isso não desmerece o trabalho da docente. Portanto, o avanço

da escrita da criança só é possível quando as atividades de leitura e de escrita em língua materna ocuparem-se de situações reais do seu cotidiano.

Em relação ao trabalho com gêneros textuais orais e escritos Schneuwly, Dolz et alii (2004), afirmam que o trabalho realizado com os gêneros textuais no âmbito escolar contribui de forma significativa para a aprendizagem do aluno, a partir do momento em que os educadores selecionam as matérias a serem desenvolvidos durante a formação do indivíduo para o ensino de textualidade. Contudo, o trabalho com gêneros textuais é uma grande oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos, pois apontam para novos caminhos a seguir nas práticas pedagógicas.

**Transcrição 2** – Texto do aluno da professora Vanessa, 6 anos.

papai noel  
 1 eucero um ma barbie de tatoace de cabelo  
 2 papai noel el teadoro felia minho familho  
 3 deselo um natal pelho cosaudi

**Normalização da Transcrição 2** – Texto do aluno 2

Papai Noel  
 Eu quero uma Barbie de tatuagem, de cabelo,  
 Papai Noel, eu te adoro eu e minha família te desejamos um  
 Natal repleto com saúde.

Conforme podemos observar o texto do aluno 2 a escrita da criança apresentada mostra alguns erros ortográfico e algumas palavras, mas apesar disso é compreensível para o entendimento do aluno e do educador, uma vez que se faz necessária uma análise, mas sucinta acerca da linguagem do aluno, e de como a abordagem do conteúdo é transmitido pelo professor para atingir o grau de aprendizagem desse educando. Nesse contexto, Soares trata apropriação da escrita como algo diferencial na aprendizagem da leitura e da escrita do aluno, com o significado de adquirir e decodificar a língua escrita, apropriando-se da escrita até a mesma se tornar compreensível.

Portanto, das práticas aqui discutidas, percebe-se que o ensino dos diversos gêneros textuais que circulam socialmente não só amplia sobremaneira a competência linguística e discursiva dos alunos, mas também aponta-lhes as inúmeras formas de participação social em que eles, como cidadãos, podem ter fazendo uso da linguagem. Além do mais, a linguagem do gênero é determinada, como foi observado nas práticas das professoras, não só pelas

particularidades de quem fala ou escreve, mas também pelo lugar discursivo de quem ouve ou lê.

## **6 Considerações finais**

Esse trabalho de pesquisa que tinha como objetivo investigar em que termos os professores das escolas públicas da periferia de Belém-PA utilizam os gêneros textuais na alfabetização linguística dos alunos e discutir as possíveis contribuições do uso desse recurso possibilitou constatar que os gêneros textuais vêm ganhando espaço no trabalho docente de alfabetização e letramento. Pois, a importância do trabalho com gêneros textuais se justifica pelo fato de caracterizarem-se por aspectos sociocomunicativos e funcionais, embora, em muitos casos, sejam as formas que os determinam e, em muitos outros, sejam as funções.

Outro aspecto importante sobre alfabetizar a partir dos gêneros textuais é que possibilita aos estudantes situações reais de comunicação social com suas linguagens específicas. Por exemplo, não lemos uma carta da mesma forma como lemos um poema. Não produzimos um aviso nos mesmos termos de uma receita culinária. Portanto, os gêneros textuais vão se estabelecendo socialmente e, sendo assim, precisamos estar atentos para os usos sociais da linguagem, para fazer da sala de aula um ambiente em que circulem os mais diferentes gêneros. Para que isso aconteça, é necessário usar várias fontes de consulta: livros de literatura, de receitas, didáticos e paradidáticos, gibis, bulas de remédio, revistas de vários segmentos, panfletos, embalagens de produtos, jornais, textos pessoais, estatutos, documentos oficiais, encartes, anúncios, etc.

Portanto, a alfabetização como um processo linguístico e cognitivo deve dar-se por meio de materiais que possibilitem essa construção intelectual, ler e escrever a partir de situações cotidianas. Com isso, a criança perceberá que somente pela leitura e pela escrita será possível determinadas ações na vida. Por exemplo, terão muita dificuldade em compreender as informações que vêm estampadas nas embalagens dos produtos. Por isso, defendemos uma alfabetização na perspectiva do letramento a partir dos diversos gêneros textuais.

## **Referências**

- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 2009.

CHIZZOTTI, Antônio. **A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafios.** Portugal.Revista Portuguesa de Educação. Vol. 16, número 002. Braga: Universidade do Minho. 2003.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FERREIRO, Emília; TEBEROSK, Ana. **A Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 32. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

HESS, Remi. **O Momento do Diário de Pesquisa na Educação.** In: Ambiente e Educação – vol. 14 – Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 1996. (da p. 61-87).

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade.**In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). Gêneros Textuais & Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

MELLO, Maria Cristina de. RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral (Org.). **LETRAMENTO: significados e tendências.** Rio de Janeiro: Wak, 2004.

RIOLFI, C. et al. **Ensino da Língua Portuguesa.** São Paulo: Thomson Learning, 2008.

SOARES, M. B. **Letramento e alfabetização: As muitas facetas.**Revista Brasileira de Educação.Campinas-SP: Autores Associados, 2004.

DOLZ,J.;SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; e col. **Gêneros orais e escritos na escola.**Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p. 41-70.